



Otto A. Bird
F.-A. Blanche, O.P.
Leonard E. Boyle, O.P.
Brian V. Johnstone, C.S.S.R.

Como ler um artigo da *Suma*

TRADUÇÃO
Getúlio Pereira Júnior
José Eduardo Marques Baioni
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

2023



MADAMU

Copyright © Editora Madamu, 2023

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Capa

KOPR Comunicação, com imagem Depositphotos

Tiragem

300 exemplares

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

B618c Bird, Otto A. (1914-2009)

Como ler um artigo da Suma / Otto Bird et all. Tradução de Getúlio Pereira Junior, José Eduardo Marques Baioni e Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. - 1ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu, 2023.

148 p., 14 x 21cm
ISBN 978-65-86224-41-2

1. Filosofia Medieval Ocidental. 2. Religião. I. Título.

CDD: 189.4

CDU: 165.612

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia 2. Religião
189.4

SUMÁRIO

- 9 *Apresentação*
11 *Agradecimentos*
13 I Como ler um artigo da *Suma*
por Otto A. Bird
51 II O vocabulário da argumentação e a estrutura do
artigo nas obras de S. Tomás
por F.-A. Blanche, O.P.
79 III O contexto da *Suma de Teologia* de S. Tomás
por Leonard E. Boyle, O.P.
119 IV O debate sobre a estrutura da *Suma de teologia* de
S. Tomás de Aquino: de Chenu (1939) a Metz (1998)
por Brian V. Johnstone, C.SS.R.
139 V *Suma de Teologia*, III^a, q. 1, a.1
textos em latim & português
148 *Sobre os tradutores*

*Este livro é dedicado à memória do
prof. Francisco Benjamin de Souza Netto.*

Apresentação

Em 2005, a UNICAMP publicou um livreto distribuído gratuitamente – no âmbito da sua coleção de Textos Didáticos – que trazia o artigo de Otto Bird “*Como ler um artigo da Suma*”, na tradução do então mestrando Getúlio Pereira Júnior. A apresentação daquele pequeno e útil material ficou a cargo do prof. Francisco Benjamin de Souza Netto. Apesar da despreziosa iniciativa, o material ganhou alguma sobrevida com as cópias que circulam até hoje entre os estudiosos da obra de S. Tomás de Aquino.

Passados quase 20 anos, prof. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento sugeriu à Editora Madamu a reedição do material, com aperfeiçoamentos. Eis, portanto, o resultado desse trabalho. Para a nova edição, prof. Getúlio revisou sua tradução, e a ela acrescentamos a tradução de outros três artigos igualmente relevantes.

O mais antigo dos textos, de autoria de F.-A. Blanche, é também o mais erudito, e investiga a terminologia presente na *Suma*. Em seguida, a contribuição de Leonard Boyle traça um contexto histórico no qual se insere – e, em certa medida, explica –

Agradecimentos

a origem da *Suma de Teologia*. Depois, o artigo mais recente dos três, de Brian V. Johnstone, realiza um levantamento dos estudos sobre a estrutura da *Suma*, analisa cada uma das teorias e apresenta a sua própria contribuição à essa fundamental discussão.

Todo nosso trabalho de edição foi realizado sem perder de vista as sábias palavras do prof. Francisco Benjamin: “*ler um texto medieval, inclusive sob a forma desta unidade da Questão, que é um artigo, é algo que não é acessível ao que se poderia chamar de uma leitura espontânea. Ela pressupõe o conhecimento do que foi, no século XIII, uma disputa acadêmica, mormente quanto à sequência de suas partes ou momentos. Qualquer engano a este respeito pode resultar em grave equívoco de interpretação, adulterando totalmente o pensamento do autor*”.

Encerra o volume um artigo da *Suma*, em latim e português, que permite ao leitor experimentar a leitura de um texto de S. Tomás à luz das explicações de Bird e Blanche, principalmente.

Esperamos, pois, oferecer ao leitor do século XXI um conjunto de informações que o auxiliarão na jornada de conhecimento, e na correta interpretação, dos ensinamentos do Aquinate.

Boa leitura.

Marcelo Toledo
Editor

A edição deste livro não teria sido possível sem o envolvimento de inúmeras pessoas e entidades. Vale destacar o protagonismo do prof. Carlos Arthur, incentivador do projeto e tradutor de três textos aqui presentes. Como é costume, as traduções do prof. Carlos Arthur são escritas à mão, e posteriormente digitadas por seu filho Zeca – a quem também estendemos o agradecimento e fraternal abraço.

Agradecemos igualmente aos professores Getúlio Pereira Júnior e José Eduardo Marques Baioni, que prontamente aceitaram o convite e nos enviaram suas traduções.

No âmbito das publicações, o primeiro agradecimento vai à *Revista Scintilla*, e ao seu editor – prof. Enio Giachini. Também agradecemos às publicações estrangeiras que permitiram a reprodução dos artigos. As referências, assim como uma brevíssima biografia dos autores, estão na abertura de cada texto.

OTTO A. BIRD (1914-2009) foi o fundador e primeiro diretor do *Programa Geral de Estudos Liberais* da Universidade de Notre Dame, USA, onde começou a trabalhar em 1950. Em sua autobiografia, Bird descreveu sua busca pessoal pela verdade, e como ele utilizou métodos aprendidos com Étienne Gilson e Alfred Adler para redescobrir a filosofia de S. Tomás de Aquino, o que o levou por fim à Igreja Católica.

Otto A. Bird

“How to Read an Article of the *Summa*”

The New Scholasticism

Volume 27, Issue 2 (April 1953), pp.129-159

<https://doi.org/10.5840/newscholas195327215>

Tradução de Getúlio Pereira Júnior, publicada originalmente na coleção Textos Didáticos do IFCH/UNICAMP, n°. 53, julho de 2005, Campinas, Brasil.

A tradução foi revisada para esta edição.

Como ler um artigo da *Suma*

O leitor, que pela primeira vez abre a *Suma de Teologia* de S. Tomás de Aquino, percebe que ela é um tanto estranha e difícil. Mas, ao mesmo tempo, fica claro que aquilo que é chamado de “artigo” é a unidade elementar do texto como um todo. Há mais de 3.000 destes artigos, que estão agrupados em “questões”, as quais estão reunidas nas “partes”, que formam a estrutura principal do trabalho. O artigo isolado encontra seu lugar dentro desta estrutura, mas não produz todo o seu significado até que seja visto em relação com todo o resto. Contudo, fica claro que a primeira tarefa é a de entender cada artigo individual em si mesmo. Para um principiante, esta já é também a tarefa mais difícil.

Não há dificuldade em observar a estrutura do artigo. S. Tomás articulou tanto suas partes que elas se destacam como quatro coisas distintas:

1. O artigo começa com a declaração de uma pergunta apresentada na forma de alternativa por meio da partícula *utrum* (se).

2. São apresentados, então, argumentos para os dois lados da alternativa. Diversos argumentos são dados para o lado oposto àquele que S. Tomás irá manter e, daí, serem eles frequentemente chamados de “objeções”. Geralmente, apenas um argumento em favor do outro lado é apresentado, sendo este introduzido pelas palavras, *sed contra* (em sentido contrário).

3. S. Tomás dá, então, sua própria resposta à questão proposta. Esta parte tem início com as palavras, *respondeo dicendum*, que são geralmente traduzidas como “em resposta, cumpre dizer”. Esta parte é frequentemente chamada de “corpo” do artigo.

4. Finalmente, os primeiros argumentos apresentados são refutados como sendo contrários à posição tomada por S. Tomás. Essas são suas respostas às “objeções”. Usualmente elas se aplicam apenas sobre as primeiras séries de argumentos, visto que na *Suma* o argumento *sed contra*, na maioria das vezes, coincide com as posições adotadas por S. Tomás. No entanto, há alguns casos em que ele também responde o *sed contra* do mesmo modo que aos argumentos do outro lado da alternativa.¹

Nenhum leitor deixará de perceber que estas são as partes de um artigo, como eles aparecem na *Suma*. Porém, o leitor deve se confundir com semelhante forma literária e duvidar de seu valor. Não são apenas os iniciantes que têm semelhante dúvida. Eu tenho ouvido antigos e devotados leitores de S. Tomás de Aquino declararem que a única maneira de ler a *Suma* seria primeiro ler a questão e após isso a resposta no corpo do artigo e, finalmente, as “objeções” e as respostas dadas a elas. Algumas vezes parece até que as “objeções” são vistas como um tipo de reflexão que podem muito bem ser omitidas inteiramente. Tal modo de leitura implica, ao menos, alguma dúvida sobre o valor e a eficácia da forma na qual S. Tomás escreveu. Porém, a mim parece que, se S. Tomás quisesse que nós lêssemos daquele modo, ele teria, conseqüentemente, escrito daquele modo. O fato de não o ter feito parece indicar que ele deve ter dado algum valor sobre a forma do artigo como sendo um instrumento de discurso intelectual.

1. Semelhantes exceções são encontradas na *Suma de Teologia*, I, q. 14, a. 16; q. 17, a. 1; I-II, q. 85, a. 6.

Para evitar esta conclusão pode ser dito que a forma é apenas um acidente histórico; que S. Tomás escreveu a *Suma* do modo que fez porque a forma de artigo era popular no século XIII e respondia às necessidades e aos desejos da vida intelectual na universidade daquele tempo. A partir da investigação de Mandonnet sobre a *quaestio disputata* nós agora sabemos que este foi o caso. O artigo, como nós o encontramos na *Suma*, é uma expressão literária, de forma simplificada e perfeita, das disputas que os mestres mantinham com seus alunos e com outros mestres na universidade do século XIII. As *Quaestiones Disputatae* de S. Tomás nos aproximam tranquilamente destas disputas, mas ainda não são um relato literal das disputas como elas ocorriam. Elas são uma versão literária, escritas pelo mestre ou por um de seus ajudantes, do resultado final das disputas. Os argumentos *pro* e *contra* da questão em disputa são aqui reduzidos e sistematizados pelo mestre. Embora muito maiores do que os argumentos correspondentes em um artigo da *Suma*, eles são uma redução e, em certo sentido, um sumário dos debates ocorridos no dia anterior àquele no qual o mestre deu sua resolução. Por trás da questão disputada, assim como do artigo, está a experiência vivida pelos professores e estudantes, clérigos e seculares, ocupados na discussão, disputa e investigação intelectual. Em ambos, a forma e o conteúdo da discussão foram passados através da mente e da arte de S. Tomás para os artigos da *Suma*.²

Mas dizer que o artigo como uma forma literária surge a partir de um certo contexto histórico não responde à questão a respeito do seu valor como um instrumento intelectual. Isso apenas

2. Cf. P. Mandonnet. *S. Thomae Aquinatis Quaestiones Disputatae* (Paris, 1925), I, “Introduction”.

generaliza o problema, espalhando-o em torno das *quaestio disputata* e através disso para o próprio “método escolástico”, do qual a *quaestio* e a *lectio*, ou o comentário, são as formas características. Nem nos diz aquela história, finalmente, como ler um artigo da *Suma*. Ela pode nos ajudar imensamente a responder esta questão por nos retratar a realidade de vida por trás do artigo. Mas, ainda assim, essa ajuda é apenas auxiliar. Nós temos, primeiramente, que penetrar na natureza do método que é empregado no artigo e ver como e porque ele funciona daquele modo.

Para fazê-lo é preciso responder a pelo menos três questões. Com um pedido de desculpas a S. Tomás, elas devem ser feitas da seguinte forma:

1. Se um argumento deve começar com uma questão dialética?
2. Se um argumento deve ser ao mesmo tempo disputativo e determinativo?
3. Se o artigo é uma forma apropriada para o discurso intelectual?

Há uma boa razão para pedir desculpas a S. Tomás. As questões são dirigidas a um problema de método. Mas, como nós sabemos através de S. Tomás, não há um método para todas as ciências. Corretamente, minhas questões devem especificar as ciências com as quais nós estamos aqui interessados. Pelo uso de palavras tais como “argumento” e “discurso intelectual” quero evitar essas questões mais profundas. Em outras palavras, eu não quero suscitar agora a questão se estamos falando a respeito de argumentos filosóficos ou teológicos, ou ambos, ou ainda de algum outro tipo de argumento. Tudo o que questionaria é se por “argumento” deveríamos entender o tipo de coisa que ocorre em

um artigo da *Suma* e por “discussão intelectual” o tipo de discussão que lá ocorre.

Meu pretexto para semelhante pedido é o de que estou apenas dirigindo o problema de como ler um artigo da *Suma* e de que esta é uma questão de arte liberal e não de filosofia. De acordo com isso, eu não estou querendo dizer a qualquer leitor nada mais do que, não importando qual seja a sua filosofia, que ele deve primeiro se esforçar por ler os artigos da *Suma* de acordo com suas intenções e espírito. A intenção e o espírito são evidentes, até certo ponto, na forma literária que é comum a todos os artigos, mesmo embora cada artigo difira de todos os outros no posicionamento de seu próprio problema. É esta forma comum que é aqui o objeto de meu artigo. Num esforço para se chegar à natureza e função dessa forma literária será necessário apelar para a filosofia. Algumas das artes liberais, numa reflexão sobre seus próprios trabalhos, necessariamente tornam-se filosóficas. Então também há toda uma filosofia por trás do artigo como forma literária. Aqui a história pode nos ajudar não apenas por nos proporcionar alguma indicação da realidade viva por trás do artigo, mas também por proporcionar o contexto filosófico no qual e, através do qual, o artigo foi desenvolvido.³

3. Para a análise metodológica do artigo eu gostaria de expressar minha dívida no início para com dois trabalhos: o artigo de F.-A. Blanche, “Le vocabulaire de l’argumentation et la structure de l’article dans les ouvrages de saint Thomas”, in *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, XIV (1925), pp.167-187 [NE: reproduzido neste volume nas pp.51-77.]; e o livro de M. D. Chenu, *Introduction a l’étude de saint Thomas d’Aquin* (Montreal & Paris, 1950).

A QUESTÃO DIALÉTICA

A primeira coisa a respeito de um artigo, como já foi notado, é que ele começa com uma pergunta, e esta pergunta é assim formulada como para admitir uma alternativa, uma *pro* ou *contra*.⁴ Isso é realizado colocando-se a questão em uma forma que pode ser introduzida por *utrum*. Aristóteles analisa a força desta palavra em uma passagem que é comentada por S. Tomás. “Nós sempre usamos essa palavra se (πότερον – *utrum*),” diz S. Tomás, “em conexão com os contrários. Assim, nós perguntamos se alguma coisa é branca ou preta, os quais são opostos por contrariedade, ou se algo é branco ou não branco, os quais são opostos por contradição. Mas nós não perguntamos se uma coisa é homem ou branco exceto na suposição de que não possam ser ambos homem e branco. Assim, nós perguntaríamos se uma coisa é branca ou homem do mesmo modo que perguntaríamos se era Sócrates ou Cleon que estava vindo, supondo que ambos não pudessem vir ao mesmo tempo. Mas, este modo de questionamento a respeito das coisas que não são opostas não tem necessidade de nenhum gênero, mas está apenas concordando em suposição. Portanto, nós utilizamos esta palavra, se, apenas sobre coisas que são opostas por necessidade, e sobre outras coisas apenas concordando em suposição, porque são apenas os opostos por natureza que não podem existir simultaneamente”.⁵

Para o problema de leitura é importante perceber que um artigo começa com uma questão. Logo, isto indica que um artigo

4. Há algumas exceções. Para artigos que não começam com *utrum* cf. *Summa Theol.* I. q. 10, a. 5; q. 20, a. 4.

5. In *Meta.*, X. 5 (1055 b 32 - 1056 a 3), lect. VII, Cathala edit. N.º. 2060.

não é aquilo que alguns manuais dão a entender como sendo uma disputa escolástica, a saber, uma defesa formal de uma tese;⁶ pois uma questão não é uma tese. Mas a forma da questão é ainda mais significativa naquela em que ela indica qual o tipo de questão ela é. Pois formulada deste modo para garantir, ou mesmo exigir, respostas contrárias, revela-se a si mesma como uma questão dialética.

Aristóteles no *De interpretatione*, numa passagem que vem após o ponto no qual o comentário de S. Tomás se detém, diferencia a questão dialética das outras pelo fato de que “ela deixa espaço para se considerar um outro aspecto de uma contradição.” Assim, perguntar o que uma coisa é, tal como, por exemplo, “o que é homem”, não é uma questão dialética, pois ela admite apenas uma resposta possível, admitindo-se que a natureza do homem é uma. Mas, uma vez que uma definição é dada, é então possível colocar uma questão a respeito da natureza de uma coisa na forma dialética. Você precisa apenas perguntar, diz Aristóteles, “se uma determinada definição é ou não a do homem”.⁷ É esta qualidade de uma questão dialética que faz do se a palavra apropriada para a introdução de um problema dialético.⁸

Até aqui nós temos tratado apenas da forma da questão. Mas Aristóteles deixa claro que há algo mais envolvido. Nos *Tópicos* ele declara expressamente que certas questões não são dialéticas, e não apenas por causa de suas formas, mas também de seus conteúdos. Desta maneira, analisando a natureza do problema dialético, ele declara que “nem todo problema deve ser examinado, mas apenas aquele sobre o qual há alguma dificuldade ou dúvi-

6. Cf. Jos. Gredt, *Elementa Philosophiae*, 7th edit. (Fribourg, 1937), I, pp.73-74.

7. Aristóteles, *De inter.*, XI, 20 b 23-30.

8. Aristóteles, *Topica*, I. 4, 101 b 28-34.

da (ἀπορήσειεν) enfrentada por alguém cuja busca seja a de um argumento e não onde o que é necessário seja uma punição ou uma sensação.” Há quatro tipos diferentes de questões que não seriam dialéticas: 1. Aquelas nas quais uma punição, e não uma argumentação, se faz necessária, em questões tais como “se é preciso ou não honrar aos deuses e amar aos pais”. 2. Aquelas onde a sensação, e não a argumentação, seja requerida, tais como “se a neve é ou não branca”. 3. Aquelas que estão muito próximas da demonstração, tais como “aquelas que não admitem dificuldade ou dúvida (ἀπορίων)”. 4. Aquelas que estão em demasia afastadas da demonstração, como as que são “demasiadas para um exercício dialético”.

Pode-se bem duvidar se os artigos da *Suma* sempre observam o critério aqui estabelecido por Aristóteles a respeito da questão dialética. De fato, no que diz respeito a amar aos pais, S. Tomás pergunta expressamente “se *pietas* se estende para pessoas definidas” (P. II-II, q. 101, a. 1), na qual, segundo o que é formalmente uma questão dialética, ele discute porque a honra é devida para com os pais. Além disso, ele também frequentemente introduz sob a forma de uma questão dialética um assunto sobre o qual ele irá oferecer uma demonstração, tais como suas provas para a existência de Deus (P. I. q. 2, a. 3).¹⁰ Estes dois exemplos parecem ser suficientes para mostrar que em seus artigos, os quais são apresentados sob a forma de questões dialéticas, S. Tomás nem sempre adere ao conteúdo de uma questão dialética do modo como foi estabelecido por Aristóteles.

9. Ibid., I. 11, 105 a 1-9.

10. Cf. Nascimento, C. A. R. do. *Um mestre no ofício*. São Paulo: Paulus, 2011, pp.66-68. (NT).

De fato, mais de um século antes de S. Tomás, admitia-se que a questão dialética havia se estendido além do que lhe dizia respeito com a inclusão de opiniões prováveis e mesmo das mais certas afirmações. Clarembaldo de Arras, em seu comentário sobre o *De Trinitate* de Boécio, argumenta que semelhante extensão é legítima, embora ele note que em semelhantes casos não exista nenhuma dialética “a não ser no que diz respeito à forma deles”.¹¹

A relevância de tais considerações sobre o problema da leitura de um artigo da *Suma* pode ser colocada na forma de uma questão. Por que S. Tomás apresentou o conteúdo de sua *Suma* na forma de questões dialéticas? Qual é a vantagem disso, particularmente se é frequentemente apenas uma questão de forma, já que o problema é por fim resolvido através do que é oferecido como uma demonstração? Por agora adiarei qualquer esforço para responder a essas questões. Uma consideração sobre elas surgirá quando nós chegarmos na questão final do valor do método como um instrumento do discurso intelectual. É suficiente ter indicado aqui que a questão com a qual o artigo tem início é uma questão dialética apenas se em seu sentido ela apresenta uma alternativa exigindo *pro e contra*.

A PARTE DISPUTATIVA

Tendo começado com uma questão que pede por alternativas, o artigo segue dando os argumentos, ambos *pro e contra*. Assim como a questão que começa da mesma forma, com a con-

11. Cf. G. Paré, A. Brunet, P. Tremblay, *La renaissance du XII^e. siècle, Les écoles et l'enseignement* (Ottawa, Paris, 1933) p.127, onde o texto de Clarembaldo é citado.